FO
CX24
1394/1993

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 239
ANO 25 - Nº 25 - Cr$ 13 000,00
17 DE JUNHO DE 1992

veja

EXEMPLAR DE ASSINANTE

A mara[illegible] da
venda da M[illegible]chete

Luís Octávio da Motta Veiga

Paulo César Farias

MOTTA VEIGA - EXCLUSIVO

"O GOVERNO NÃO TERMINARÁ LIMPO"

O ex-presidente da Petrobrás devassa o esquema paralelo de PC no Planalto

Paiakan, refugiado na aldeia do Aukre: "Não vou responder este processo"

FOTOS EGBERTO NOGUEIRA

LPL, de 14 anos: outra vítima

Biblioteca CURT NIMUENDA

CRIME

A cegueira verde

Movidos pelo fanatismo, os ecoxiitas recusam as evidências de que Paiakan é culpado de estupro

LAURENTINO GOMES, de Redenção

O caso do cacique Paulinho Paiakan desatou um festival de hipocrisia entre as Organizações Não Governamentais, ONGs, que participavam do Fórum Global na Eco 92. Paiakan é acusado de estuprar e torturar a estudante Sílvia Letícia da Luz Ferreira, de 18 anos, na cidade de Redenção, no sul do Pará. Mesmo com todas as indicações de que o cacique cometeu o crime, confirmado por dois exames médicos e pelos depoimentos de três testemunhas, vários integrantes dos batalhões verdes continuaram resistindo à evidência. "Eu não acredito nem admito a possibilidade de Paiakan ter feito isso", insistia na quarta-feira passada Darrell Posey, etnobiólogo americano que desde 1977 convive com os caiapós. "Acho que não quiseram fazer dele um novo Chico Mendes e inventaram toda essa história, porque, se o matassem, ele virava ídolo", fez eco, numa versão delirante, a americana Jamie Tyson, que por várias vezes serviu de tradutora para Paiakan nas suas viagens internacionais. "Quem sabe o sangue que encontraram no carro de Paiakan não era de boi?", indaga Jamie.

Paiakan, um índio que por muito tempo representou o ideal ecológico para ambientalistas dos países desenvolvidos, nunca foi o bom selvagem celebrizado na propaganda dos idealistas ou mal-intencionados. Na semana passada, comentava-se em Redenção que havia outras vítimas do cacique na cidade, todas estupradas. Pelo menos uma das protagonistas desses comentários materializou-se numa delegacia de polícia para apresentar queixa contra Paiakan. O detalhe mais espantoso desse novo episódio de violência sexual está na idade da moça. LPL, a vítima que acusa o cacique de estupro, tem apenas 14 anos. "Essa nova denúncia complica ainda mais a situação dele na Justiça", afirma a promotora pública da cidade, Lúcia Bueno.

INFANTILIZAÇÃO — A dificuldade dos ambientalistas em aceitar a face criminosa do índio Paiakan decorre de um hábito mental recente, segundo o qual é de bom-tom relativizar sempre os comportamentos inconvenientes das minorias. Entre as pessoas bem pensantes, é comum tratar homossexuais, mulheres e índios, por exemplo, como categorias diferenciadas, às quais se devem dar privilégios para compensar as coerções que sofrem da sociedade. Escorrega-se aí para a infantilização da minoria — ou até para a ocultação de um estupro, como no caso de Paiakan, só porque o autor do ataque é um índio.

Nesse equívoco caiu a rede de TV americana CNN. Estrela da cobertura da Guerra do Golfo, ela é a maior rede de TV a cabo do mundo e é vista em mais de 100 países. Na sexta-feira, todas as evidências do estupro estavam assentadas quando uma funcionária da CNN, Barbara Pyle, fanática por assuntos ecológicos, liderou um abaixo-assinado na Eco 92 contra VEJA por ter a revista divulgado em primeira mão o episódio envolvendo Paiakan. "Estamos chocados e ultrajados com a cobertura sensacionalista de VEJA sobre os atos atribuídos a Paiakan, renomado líder indigenista e defensor de seu povo e de suas terras", afirma o documento, distribuído pelo escritório da CNN no Rio. O texto prossegue em tom panfletário: "Em vez de jornalismo profissional, isso é um flagrante racismo. Artigos como esse servem apenas para incentivar o massacre moral e a exterminação física dos povos indígenas, que começou nas Américas há 500 anos e continua até hoje". Diante dessa postura, só há uma conclusão possível: a CNN, na pessoa de Barbara Pyle, ficou a favor do estupro.

Sílvia Letícia, com a família e os vizinhos: marcas de violência no corpo

Apesar da dimensão que o caso de Paiakan ganhou, devido à importância simbólica do cacique nos meios ecológicos internacionais, seria um equívoco grosseiro fazer a partir daí generalizações sobre o comportamento dos índios. Paiakan, silvícola perfeitamente aculturado, dono de avião, carros e imóveis, fazia negócios de milhões de dólares com europeus e americanos, com a venda de madeira e outros produtos da reserva caiapó. Nessa situação, o cacique reflete os vícios e virtudes de um homem comum do sul do Pará. Na verdade, Paiakan é até mais articulado do que a maioria dos brancos da região, graças às constantes viagens internacionais que fazia e aos negócios por ele administrados. Chegou a ganhar o Prêmio Global 500 da ONU e o diploma da Sociedade por um Mundo Melhor, em Washington. Para sua infelicidade, cometeu um crime. É apenas isso. O pugilista Mike Tyson também se viu cercado pelos holofotes diante de uma acusação de estupro por parte de Desiree Washington, candidata ao título de Miss América Negra. A diferença é que, no caso de Tyson, todo mundo ficou contra ele.

Ciúmes — Paulinho Paiakan teve sua prisão preventiva decretada pelo juiz José Maria Teixeira na terça-feira. "O crime está mais do que comprovado", concluiu o juiz. Dois dias depois, o próprio cacique admitiu ter mantido relações sexuais com Sílvia Letícia. Alegou ter bebido demais e recusou-se a confessar-se culpado pelo crime de estupro. Em vez disso, montou uma história destinada a jogar o maior peso das denúncias sobre as costas de sua mulher, Irekran. O cacique disse que a estudante teria concordado em manter relações sexuais com ele. Irekran, com ciúmes, atacou Sílvia Letícia, provocando os ferimentos comprovados pelos exames médicos. É um acerto muito conveniente para o cacique. Por essa versão, Paiakan, que é um índio emancipado de fato e portanto responsável pelos seus atos, ficaria isento de qualquer culpa. Já Irekran, uma índia que mal sabe falar português, é inimputável e, nessa condição, não poderia ser presa ou processada. Paiakan garantiu ainda que não pretende se entregar à polícia de jeito nenhum. "Eu sou índio. Não vou responder este processo", avisou.

O tom de desafio de Paiakan colocou as autoridades num dilema. Se o cacique não se dispõe a ir à polícia, será necessário ir buscá-lo na aldeia. "Não há no território nacional santuário ou pessoas imunes à ação da Justiça", garantiu na quarta-feira o ministro da Justiça, Célio Borja. O problema é que até sexta-feira ninguém se dispunha a cumprir a ordem do juiz e prender o cacique. Na quarta-feira, os moradores de Redenção promoveram uma manifestação exigindo que ele seja preso.

A fartura de evidências contra Paiakan não conseguiu evitar que uma cortina de fumaça fosse erguida pelos xiitas da ecologia, aturdidos com a divulgação das denúncias. Numa tentativa de evitar o

Os marajás da madeira

O melhor exemplo de ostentação de riqueza dos caciques na cidade de Redenção pode ser observado no movimento de pousos e decolagens dos aviões no aeroporto local. Os caiapós possuem cinco dos 41 aviões da cidade, mas ainda assim são os principais clientes das quatro empresas de táxi aéreo que existem na cidade. "Os índios não querem saber quanto gastam, só andam de avião e pagam tudo à vista", conta o diretor-geral do Banco do Brasil em Redenção, Dirceu Mânica. "Eles garantem 40% da arrecadação de ICMS do município", diz o prefeito Luiz Vargas.

Para manter o padrão de vida elevado dos caciques, as riquezas das aldeias são vendidas a preço de banana. Os índios recebem 40 dólares pelo metro cúbico de mogno cortado nas suas terras. A mesma madeira, depois de serrada, é exportada em Redenção por 450 dólares o metro cúbico, onze vezes mais. Ainda assim, até 1990, os caiapós faturavam cerca de 6 milhões de dólares por ano com a venda de mogno de suas terras. Este ano, com a redução da cota de exportação imposta pelo Ibama, esse valor caiu para 3,5 milhões de dólares. Estima-se que os índios recebam quantia equivalente na produção de ouro dos garimpos situados em suas reservas.

O mais rico e esbanjador de todos os caciques é Tutu Pombo, um personagem extravagante, conhecido pelas grandes farras que promove nas casas noturnas da região. Pombo é dono de dois aviões e costuma abarrotá-los de Coca-Cola em lata, pães e bolachas para levar às festas em sua aldeia. Paulinho Paiakan nunca foi tão gastador como Pombo. Ainda assim, só em agosto de 1990 suas despesas em Redenção consumiram 14 350 dólares, bem mais do que sua tribo recebeu no mês inteiro com a venda de madeira. Esse valor inclui 2 000 dólares de gastos em supermercado e frete de um avião para que sua mulher, Irekran, pudesse visitar os parentes no Parque Nacional do Xingu.

Biblioteca CURT NIMUENDAJU

GUSTAVO MIRANDA/AG. GLOBO

O protesto dos moradores em Redenção: pela prisão de Paiakan

duro encontro com a verdade, essa legião primeiro tratou de esconder o assunto. Ele já era de domínio público entre os participantes do Fórum Global na quinta-feira dia 4, mas foi mantido como um segredo bem-guardado. Divulgada a história, tentou-se primeiro desacreditá-la e, depois, tratá-la como uma armação destinada a prejudicar toda a causa indígena.

Nem todas as entidades entraram na louvação do cacique-estuprador. Uma delas é a Friends of the Earth International, organização de defesa do meio ambiente que tem representação em 49 países. Na segunda-feira, um dos seus membros na Eco 92, Roberto Smeraldi, distribuiu uma nota avisando que desde 1990 a entidade não mantinha mais relações com Paiakan por causa das denúncias que o envolviam com madeireiros. O ex-secretário do Meio Ambiente José Lutzenberger seguiu a mesma trilha. "O Paiakan é um desastre", disse. "Sempre vendeu madeira da reserva indígena."

"Leis dos Brancos" – A Friends of the Earth teria feito um favor à causa indígena se houvesse lançado seu alerta mais cedo. A entidade, com sede em Londres, tem desde 1988 relatórios confidenciais mostrando que a Inglaterra compra 69% do mogno, madeira de lei retirada das terras dos caiapós no sul do Pará. Por esses relatórios, descobre-se que até 1990 saíam 50 000 árvores por ano das terras indígenas. Só os ingleses consumiram mais de 35 000 dessas árvores, transformadas em 90 000 metros cúbicos de madeira, depois de serradas. Essa madeira toda foi vendida pelos caiapós. Os ecologistas fanáticos gostam de criticar empresários pela derrubada de árvores, mas ficam mudos em solidariedade a índios devastadores.

Curiosamente e na contramão da histeria das ONGs, foi entre os próprios índios que surgiram algumas das manifestações de bom senso no episódio Paiakan. "Se o índio quer viver como os brancos, também deve se submeter às leis dos brancos", disse Marcos Terena, um dos mais articulados e respeitados dos indígenas brasileiros. "Essa briga não é nossa", avisou Kuben-I, cacique da aldeia Gorotire, vizinha das terras de Paiakan. "Vamos brigar pela nossa terra e pela nossa floresta. Só isso."

Para o indigenista Hilmar Harry Kluck, a visão distorcida que se tem sobre líderes como Paulinho Paiakan resulta da romantização da figura do índio promovida por antropólogos e ambientalistas. Ele trabalhou durante duas décadas com as tribos da região do Araguaia e do Tocantins, incluindo os caiapós. "Os antropólogos passaram a adular os índios, dizendo que eles são bons e perfeitos, e que tudo o que fizerem terá a compreensão e desculpas", diz Kluck. "De tanto ouvirem dizer que eram vítimas, tornaram-se pessoas vaidosas e presunçosas, que mentem e com quem não dá para conversar sem ficar com um pé atrás", acrescenta. Para ele, o fenômeno da romantização do índio serviu aos interesses dos brancos. "A Funai precisa vender a imagem de que os índios são bons e puros para conseguir mais verbas. Os antropólogos também idealizam a figura dos índios porque essa é uma mercadoria muito fácil de comercializar." ■

A turma do silêncio

A denúncia contra Paiakan deu a oportunidade para que se exercitasse no país uma técnica rotineira nos casos de escândalo — aquela que ensina jogar a sujeira debaixo do tapete quando há visitas ilustres. Em vez de se preocupar com a investigação do crime, muita gente perdeu tempo discutindo uma bobagem: a conveniência de se divulgar o caso em plena Eco 92.

Baluarte de última hora da causa indigenista, o chanceler Celso Lafer afirmou no domingo que a reportagem de capa de VEJA era prejudicial aos índios e à imagem do Brasil. "A reportagem é irresponsável por desqualificar todo um povo sob tutela da União", sentenciou. Não passou pela cabeça do chanceler discutir também se Paiakan escolheu o momento mais oportuno para armar toda essa confusão.

A defesa do silêncio da imprensa é um caminho perigoso. Por ele, pode-se argumentar também que o jornal *The Washington Post* escolheu uma hora ruim para publicar as denúncias do caso Watergate. Na época, o presidente Nixon estava empenhado na retirada das tropas americanas do Vietnã e na reaproximação com a China. Apurada toda a história, descobriu-se que o momento era de fato inoportuno para divulgá-la — só para o próprio Nixon e ninguém mais.

MOREIRA MARIZ

Lafer: assunto incômodo